

OS  
**SALMOS**  
COMO ADORAÇÃO  
CRISTÃ

UM COMENTÁRIO HISTÓRICO

BRUCE K. WALTKE  
JAMES M. HOUSTON  
COM ERIKA MOORE

## *Sumário*

PRÓLOGO ..... 9

- I. História do comentário ..... 9
- II. Objetivo do comentário: uma apologia ..... 9
- III. O contexto erudito do comentário ..... 19
- IV. A organização do comentário ..... 23

### **PRIMEIRA PARTE**

**ESTUDO DA HISTÓRIA DA INTERPRETAÇÃO DO LIVRO DE SALMOS ..... 25**

**CAPÍTULO 1: ESTUDO DA INTERPRETAÇÃO DOS SALMOS NO PERÍODO DO SEGUNDO TEMPLO ..... 27**

- I. Diversidade no judaísmo e no Saltério ..... 27
- II. Composição e forma do Saltério ..... 29
- III. Características comuns da interpretação dos Salmos durante o período do Segundo Templo ..... 32
- IV. Características distintivas dos principais testemunhos existentes à interpretação dos Salmos no período do Segundo Templo ..... 36
- V. Resumo

**CAPÍTULO 2: INTRODUÇÃO HISTÓRICA À INTERPRETAÇÃO DOS SALMOS NA ORTODOXIA DA IGREJA ..... 45**

- I. Princípios interpretativos dos Pais pré-nicenos e pós-nicenos ..... 47
- II. Agostinho e a exegese monástica medieval ..... 56
- III. Hebraísmo cristão e o escolasticismo da Alta Idade Média até a Baixa Idade Média ..... 62
- IV. “O texto claro” dos Reformadores ..... 69
- V. Os princípios da Crítica Bíblica durante os séculos XVII e XVIII ..... 74
- VI. Separação do “literal” do “histórico” nos Estudos Bíblicos durante o século XVIII ..... 79
- VII. Eruditos conservadores alemães e britânicos do século XIX ..... 82
- VIII. A Crítica da Forma contemporânea ..... 85
- IX. Tendências contemporâneas ..... 87

**Capítulo 3: HISTÓRIA DA INTERPRETAÇÃO DESDE A REFORMA: “A EXEGESE ORTODOXA” ..... 91**

- I. A abordagem do criticismo bíblico histórico ..... 92
- II. Uma avaliação do CBH ..... 93
- III. Divisão no século XIX entre ortodoxos e os críticos ..... 97
- IV. 1900: A abordagem da Crítica da Forma ..... 104
- V. 1920: Abordagem cültica-funcional ..... 109
- VI. A abordagem canônica-messiânica ..... 111
- VII. Conclusão: exegese ortodoxa ..... 123

## SEGUNDA PARTE: COMENTÁRIO SOBRE SALMOS ESCOLHIDOS ..... 125

### **Capítulo 4:** SALMO 1: *A vida recompensada* ..... 127

Primeira parte: a voz da igreja ..... 127

I. Buscando a presença do *Eu Sou* ..... 127

II. Salmos como microcosmo da Bíblia ..... 129

III. Divisão do Saltério ..... 129

IV. O Salmo 1 como prefácio do Saltério ..... 130

V. Um Salmo de sabedoria ..... 131

VI. O comentário de Hilário de Poitiers sobre o Salmo 1 ..... 133

VII. Pais Latinos Posteriores ..... 135

VIII. Comentaristas da Renascença e da Reforma ..... 136

IX. O comentário de João Calvino do Salmo 1 ..... 137

Segunda parte: voz do salmista: tradução ..... 140

Terceira parte: comentário ..... 141

Quarta parte: conclusão ..... 155

### **Capítulo 5:** SALMO 2: *Pede-me, meu Filho* ..... 157

Primeira parte: voz da Igreja ..... 157

I. A unidade dos Salmos 1 e 2 ..... 157

II. A prosopopeia do Salmo 2 ..... 158

III. Orígenes sobre o realismo impressionante do reinado de Deus ..... 159

IV. Agostinho sobre a contínua ira de Deus contra o mal ..... 161

V. O uso da tipologia pelos pais do Oriente ..... 161

VI. Os contextos de mudanças dos comentários medievais ..... 163

VII. Os comentários do Salmo 2 durante a turbulência política do século XVI ..... 166

Segunda parte: voz do salmista: tradução ..... 170

Terceira parte: comentário ..... 172

Quarta parte: teologia ..... 192

### **Capítulo 6:** SALMO 3: *Vivendo o limite do sofrimento: Oração matinal após a noite sombria* ..... 195

Primeira parte: voz da igreja ..... 195

I. O caráter messiânico do salmo ..... 195

II. A liturgia monástica da noite ..... 197

III. A expansão e mudanças no monasticismo ocidental ..... 199

IV. Os comentários monásticos medievais ..... 200

V. A paráfrase viva de Erasmo ..... 203

Segunda parte: voz do salmista: tradução ..... 205

Terceira parte: comentário ..... 207

Quarta parte: conclusão ..... 221

### **Capítulo 7:** SALMO 4: *Oração da noite em crise* ..... 223

Primeira parte: voz da igreja ..... 223

I. Salmo messiânico indireto ..... 223

II. Comentários antioquianos ..... 223

III. A “escatologia litúrgica” de Agostinho ..... 225

IV. A função litúrgica do Salmo 4 na Idade Média ..... 229

V. Erasmo, um sermão da Renascença ..... 232

VI. Comentários da Reforma ..... 233

Segunda parte: voz do salmista: tradução ..... 237

Terceira parte: comentário ..... 238

Quarta parte: conclusão ..... 257

**Capítulo 8:** SALMO 8: *O Eu Sou reina através das “crianças”* ..... 259

Primeira parte: voz da igreja ..... 259

I. Introdução ..... 259

II. Francisco de Assis sobre a criação ..... 259

III. Interpretação dos pais gregos do Oriente ..... 260

IV. A tradição alegórica de Agostinho ..... 263

V. O hebraísmo cristão na Alta Idade Média ..... 265

VI. Os reformadores: Lutero e Calvino ..... 266

VII. Os comentaristas da pós-reforma ..... 268

Segunda parte: voz do salmista: tradução ..... 288

Terceira parte: comentário ..... 271

Quarta parte: conclusão ..... 288

I. Gênesis 1.26-28 ..... 288

II. Jó 7.17, 18; 15.14, 15 ..... 289

III. Hebreus 2.8, 9 ..... 291

**Capítulo 9:** SALMO 15: *Um Decálogo litúrgico* ..... 293

Primeira parte: voz da igreja ..... 293

I. O Salmo 15 conforme os primeiros pais ..... 293

II. O Salmo 15 na Reforma Moral da Baixa Idade Média ..... 298

III. O Salmo 15 nos movimentos de reforma dos séculos XII ao XV ..... 300

IV. O Salmo 15 na contínua reforma da “Devotio Moderna” ..... 303

V. No resumo “reformado” de João Calvino ..... 305

Segunda parte: voz do salmista: tradução ..... 306

Terceira parte: comentário ..... 308

Quarta parte: conclusão ..... 324

**Capítulo 10:** SALMO 16: *Meu corpo não sofrerá decomposição* ..... 325

Primeira parte: voz da igreja ..... 325

I. Os comentários da pré-reforma ..... 325

II. Comentários dos reformadores ..... 333

III. Os efeitos do comentário histórico-crítico ..... 335

Segunda parte: voz do salmista: tradução ..... 339

Terceira parte: comentário ..... 343

Quarta parte: conclusão ..... 357

**Capítulo 11:** SALMO 19: *Louvores e petições de um sábio real ao Eu Sou* ..... 361

Primeira parte: voz da igreja ..... 361

I. Intérpretes modernos ..... 362

II. Estudo em contraste: os reformadores, Calvino e Lutero ..... 368

III. Aquino ..... 371

Segunda parte: voz do salmista: tradução ..... 373

Terceira parte: comentário ..... 374

Quarta parte: conclusão ..... 396

**Capítulo 12:** SALMO 22: *O Salmo profético da Paixão de Cristo* ..... 399

Primeira parte: voz da igreja ..... 399

I. A interpretação apostólica do Salmo 22 ..... 400

II. Os primeiros apologistas cristãos ..... 401

III. A interpretação polêmica do Salmo 22 do século III ao VI ..... 405

IV. O diálogo judaico-cristão no século XII ..... 408

V. Os comentários posteriores da escolástica medieval ..... 411

VI. Os comentários medievais posteriores: o Salmo 22 como “profético” ..... 413

Segunda parte: voz do salmista: tradução ..... 415

Terceira parte: comentário ..... 420

Quarta parte: o contexto canônico ..... 438

**Capítulo 13:** SALMO 23: *O Bom Pastor* ..... 439

Primeira parte: voz da igreja ..... 439

I. O uso dos primeiros pais ..... 439

II. A transição do comentário monástico para o escolástico ..... 440

III. Os comentaristas reformados do século XV ..... 443

IV. A restauração dos reformadores do Davi histórico ..... 447

V. A popularização cultural do Salmo 23 ..... 455

Segunda parte: voz do salmista: tradução ..... 457

Terceira parte: comentário ..... 458

Quarta parte: conclusão ..... 468

**Capítulo 14:** SALMO 51: *“O Salmo de todos os Salmos” em devoção penitencial* ..... 471

Primeira parte: voz da igreja ..... 471

Formas históricas de penitência ..... 471

I. A confissão pública na igreja primitiva ..... 472

II. A devoção pessoal de “compunção” ..... 475

III. A ruptura da penitência antiga no princípio da Idade Média ..... 477

IV. As reformas pessoais carolíngias até o Concílio de Latrão em 1215 ..... 477

V. A penitência após o Concílio de Latrão em 1215 ..... 481

Segunda parte: voz do salmista: tradução ..... 488

Terceira parte: comentário ..... 490

**Capítulo 15:** SALMO 110: *“Senta-te à minha direita”* ..... 509

Primeira parte: voz da igreja ..... 509

I. No Novo Testamento ..... 509

II. A tradição musical das primeiras confissões cristãs ..... 510

III. As polêmicas messiânicas de Justino Mártir ..... 512

IV. O uso figurativo de Agostinho do Salmo 110 ..... 512

V. O sentido profético de Jerônimo ..... 514

VI. A revolta de Lutero contra a exegese medieval ..... 515

VII. O sentido claro de Calvino do texto ..... 517

VIII. Conclusão ..... 521

Segunda parte: voz do salmista: tradução ..... 522

Terceira parte: comentário ..... 523

Quarta parte: identificação de “Meu Senhor” ..... 537

Quinta parte: conclusão ..... 542

**Capítulo 16:** SALMO 139: *Sonda-me, ó Deus* ..... 545

Primeira parte: voz da igreja ..... 545

I. Os apologistas ..... 545

II. Os Pais pós-nicenos ..... 547

III. Os eruditos monásticos do princípio da Idade Média ..... 552

IV. Os comentários da Reforma ..... 555

V. A confusão religiosa dos séculos XVII e XVIII ..... 558

Segunda parte: voz do salmista: tradução ..... 561

Terceira parte: comentário ..... 568

Quarta parte: conclusão ..... 597

Glossário ..... 601

## *Prólogo*

### **I. HISTÓRIA DO COMENTÁRIO**

O professor Bruce Waltke tem ensinado e pregado o livro de Salmos ao longo de sua carreira, que teve início em 1958. Ela inclui cursos sobre esse livro como um todo e a prática de exegese, na qual ele usa salmos escolhidos como exemplos. Ao fim de sua carreira, ele considerou apropriado escrever sobre o resultado de seu trabalho.

Contudo, Bruce não está capacitado para habilitar o leitor a ouvir a voz responsiva de fé da igreja. Para sua grande alegria, o professor James M. Houston, anteriormente conferencista de geografia histórica e cultural, especialista na história das ideias e pioneiro em teologia espiritual entre os evangélicos, trabalhou como voluntário para escrever esta história.<sup>1</sup> Esperamos que nossos leitores sejam edificados em alguma medida, como nós, por nossa interação. Jim e Bruce, respectivamente, assumem a responsabilidade pela história da interpretação do Saltério e por sua exegese.

Erika Moore, professora assistente do Antigo Testamento na Trinity School para o Ministério, ajudou como voluntária a produzir o comentário. Jim e Bruce alegremente aceitaram sua proposta e lhe pediram para escrever a história do Saltério durante o período do Segundo Templo (capítulo 1). Ela também preparou, gentilmente, o glossário e os índices do inglês.

### **II. OBJETIVO DO COMENTÁRIO: UMA APOLOGIA**

Nossos principais propósitos neste livro são enriquecer a vida diária do cristão contemporâneo e aprofundar a adoração comunitária da igre-

---

<sup>1</sup> Jim encomendou novas traduções de muitos textos latinos e de inglês médio e é deve muito a Ken Pearson da Trinity Western University, British Columbia, Dra. Elizabeth Bongie, professora emérita dos clássicos na University of British Columbia e Dr. Ellie McCullough da Universidade de York, Inglaterra, por essas traduções. Ele também é grato aos administradores do Institute for Religion and Culture pelo necessário financiamento. Jen Cairns, neta de Jim, ajudou a prover os materiais de pesquisa.

ja em ouvir a voz de Deus tanto através da exegese ortodoxa dos Salmos como também através da fé da igreja. O humanista Desidério Erasmo de Roterdã (1469-1536), certa vez, escreveu: “Quem, de fato, não escreveu sobre os Salmos?”. No entanto, as duas vozes do Espírito Santo, falando infalivelmente na Escritura e edificando a resposta de fé da igreja, são raramente combinadas.<sup>2</sup> Esta necessidade de união exige um amparo de nossa abordagem interdisciplinar. Jim e Bruce apresentam apologias respectivamente para a reação de fé da igreja e para a exegese ortodoxa. Embora apresentadas separadamente, os autores estão de acordo na íntegra com a apologia de cada um.

### A. Ouvindo a voz da igreja

Os Salmos foram e são de importância vital na vida diária do cristão e na adoração cristã comunitária. Ambas foram características fundamentais do cristianismo primitivo, desde que os primeiros cristãos creram que o próprio Jesus Cristo vivia nos Salmos. Os primeiros líderes da igreja, em contraste com a erudição moderna, justamente creram na máxima que “a Escritura interpreta a Escritura”. O incidente do Cristo ressuscitado, afirmando aos dois discípulos no caminho de Emaús, o princípio hermenêutico que todas as Escrituras, incluindo os Salmos, falam de Cristo, estabeleceu a base para os pensadores da igreja primitiva interpretarem a Bíblia como o livro sobre Cristo (Lc 24.13-49). O poder radical “do Espírito” sobre a letra introduziu a centralidade de Cristo na exegese apostólica do Antigo Testamento – especialmente nos Salmos – de um modo totalmente novo.

Em torno deste novo princípio hermenêutico de “interpretar a Escritura pela Escritura”, os pais da igreja formularam a “A regra de fé”, que agora determinava como a exegese deveria ser feita. Agostinho em sua *De doctrina christiana* demarca claramente que os princípios de questionamento teológico e as alegações da verdade são distintos quando são “cristãos”. A erudição cristã é contrastada com a erudição clássica em aspectos importantes, mesmo quando os procedimentos clássicos para a retórica são ainda imitados e, então, modificados.

Deste modo, deploramos o reducionismo confessional em muito da erudição bíblica contemporânea, que ignora dois mil anos de devoção e or-

<sup>2</sup> Enquanto D. H. Williams (*Tradition, Scripture, and Interpretation: A Sourcebook of the Ancient Church* [Grand Rapids: Baker Academic, 2006]), professor de patrística e teologia histórica na Universidade de Baylor, por um lado, deseja elevar as confissões da igreja antiga a um nível canônico igual ao da Escritura, e, desta forma – presumivelmente infalível –, ele reconhece, por outro lado, que para a igreja antiga o cânon da Escritura era a *norma normans* (a regra que é regulada): “Todos os principais credos e obras de teologia reconhecem, implícita ou explicitamente, a supremacia da Bíblia” (p. 24).

todoxia cristã ou “adoração correta” no uso do livro de Salmos. Ela ignora a continuidade histórica da tradição na comunhão dos santos. Isto é o mesmo que estudar as atividades de um porto marítimo e, no entanto, ignorar a existência do território. Este tipo de teologia liberal é uma expressão da cultura cética do “pós-modernismo”, que rejeita todos os “absolutos” e nega as “afirmações da verdade”. Ela reinterpreta “a história” como uma série de eventos escolhidos subjetivamente conforme o interesse do investigador, sem sentido algum de um passado divinamente ordenado ou de alguma orientação soberana e providência. Essa aleatoriedade produz “a morte do passado”, como J. H. Plumb nos advertiu ao fim do modernismo, em 1969.<sup>3</sup>

Com a perda da continuidade e do “âmbito histórico”, os salmos, então, perdem a espiritualidade, e a tradição integral de devoção é ignorada tanto por judeus como por cristãos. Como o erudito judeu James L. Kugel, professor de hebraico em Harvard, observou: “Não seria injusto afirmar que a pesquisa nos Salmos, neste século, tem um considerável efeito negativo na reputação do Saltério como o foco natural da espiritualidade israelita e muito do que foi até agora estimado neste campo passa por uma reavaliação relutante”. Em vez de serem inspirados pela espiritualidade do Saltério, os críticos “modernos” “desespiritualizam” os Salmos.<sup>4</sup> Questões eruditas sobre a autoria, classificações dos salmos, origens pagãs de fontes cananitas e ugaríticas, fontes cúlticas e fontes não cúlticas de adoração, a mudança de função dos salmos, tudo tende a subtrair-se, de certo, como Kugel argumenta, eruditos seculares, sejam eles “judeus” ou “cristãos”, “desespiritualizam” os salmos para uso próprio, hoje”.

Entretanto, paradoxalmente, estudos históricos florescem mais do que nunca, quando ideologias definham e visões de mundo se alteram. Porque “o passado”, agora, é visto como a fonte de múltiplas perspectivas diferentes, através das lentes do comentário receptor. A atenção erudita é, neste instante, concedida à “história” como uma série de estudos antropológicos dos quais “a história dos comentários bíblicos” é traçável através da sequência de culturas históricas e “mudanças de paradigmas”. A historiografia, então, torna-se mais confusa e complexa em seu uso. Há múltiplas razões para usar a “história” como um instrumento de erudição assim como um “comentário” para estudos bíblicos. Uma vez que tanto o judaísmo como o cristianismo são religiões do “Livro”, a crítica literária secular os contesta profundamente. A história da doutrina é interligada com a história da exe-

<sup>3</sup> J. H. Plumb, *The Death of the Past* (New York: Columbia University Press, 1969).

<sup>4</sup> James L. Kugel, “Topics in the History of the Spirituality of the Psalms”, in Arthur Green, ed., *Jewish Spirituality from the Bible Through the Middle Ages* (New York: Crossroad, 1988), p. 113.



gese das Escrituras, tornando-a o novo campo de batalha da fé contra o ceticismo.

Contudo, o número crescente de eruditos que agora estão revisando a história dos comentários anteriores é uma nova tendência bem-vinda na erudição bíblica (veja p. 19-21).

## B. Ouvindo a voz do autor inspirado

Deploramos, também, a falta de autêntica exegese no uso dos salmos como a falta de compromisso cristão e ortodoxia em muito da erudição bíblica contemporânea. No capítulo 3, um argumento é articulado para uma abordagem integrada em três partes à interpretação da Escritura: a suplicante e devocional para ouvir a voz de Deus; a confiante e sensível para ouvir a voz do autor; e a científica para ouvir a voz do texto. Todas as três são necessárias ao mesmo tempo e defenderemos uma exegese ortodoxa. A confissão que o intérprete precisa de iluminação espiritual para compreender o texto difere radicalmente da confissão do Iluminismo que o positivismo é suficiente para a exegese ortodoxa. Em seu estudo ainda influente, J. A. Ernesti opôs o método científico ao método espiritual. Ele negou a proposição “que as Escrituras não podem ser explicadas propriamente sem oração e a simplicidade piedosa da mente”. No ponto de vista de Ernesti, “a simplicidade piedosa da mente é inútil na investigação da verdade escriturística”. Mas o autor divino do texto e seu sentido no texto não podem ser verdadeiramente conhecidos ou compreendidos sem um compromisso espiritual com ele. Nossa hermenêutica é sagrada porque o Autor é espírito, conhecido no espírito humano através da mediação do Espírito Santo (1Co 2.11).<sup>5</sup> Martinho Lutero afirmou: “Se Deus não abrir e explicar a Sagrada Escritura, ninguém pode entendê-la; ela permanecerá um livro fechado, encerrado em trevas”. O Catecismo de Genebra (1541) expressa isso desta forma: “Nossa mente é muito fraca para compreender a sabedoria espiritual de Deus que é revelada a nós pela fé, e nossos corações são muito tendenciosos tanto à rebelião como à perversa confiança em nós mesmos ou nas coisas materiais. Mas o Espírito Santo nos ilumina para fazer-nos entender que, do contrário, seria incompreensível para nós e nos fortifica em convicção, selando e imprimindo as promessas da salvação em nossos corações”.

### 1. O texto empírico exige uma abordagem científica

Por outro lado, um estudo científico das informações empíricas do texto é também necessário para uma hermenêutica genuína. Por científico quere-

<sup>5</sup> Bruce K. Waltke e Charles Yu, *An Old Testament Theology: An Exegetical, Thematic and Canonical Approach* (Grand Rapids: Zondervan, 2007), p. 80.

mos dizer a abordagem gramático-histórica, que interpreta as palavras dentro do contexto do mundo do orador. A Bíblia mesma utiliza esta abordagem, explicando palavras não compreendidas pelos leitores (cf. 1Sm 9.9) e explicando os costumes que se tornaram obsoletos à época da narrativa (cf. Rt 4.7). A teologia ortodoxa exige esta abordagem porque ela confessa que os autores da Bíblia foram inspirados pelo Espírito de Deus para revelar a mente de Deus para o povo do pacto que lhe pertence, e que ele o fez em palavras que exigiam fé e obediência.

## ***2. O Novo Testamento autentica a ortodoxia através dos textos de sentido claro***

Antes que Jesus explicasse aos discípulos, no caminho de Emaús, o que foi dito em todas as Escrituras – começando com Moisés e os profetas – concernente a ele mesmo, ele os repreendeu por falharem em compreender o sentido claro do texto.<sup>6</sup> “Como vocês costumam a entender e como demoram a crer em tudo que os profetas falaram! Não devia o Cristo sofrer estas coisas, para entrar na sua glória?” (Lc 24.25, 26). Cristo repreendeu os seus discípulos por não crerem naquilo que deveria estar aparente com a leitura do texto. Ele não se baseou no método falho *pesher* (interpretação, no sentido de solução) de hermenêutica para autenticar suas afirmações, como o Mestre de Justiça em Qumran havia feito ou no método alegórico dos pais da igreja. A falha de ver Cristo nos Salmos não é devida ao método histórico-gramatical de exegese, mas à lentidão do coração humano para crer na morte de Cristo pelo pecado e em sua ressurreição dos mortos. De fato, é necessário que o Espírito Santo remova este véu de incredulidade. “O poder radical do Espírito sobre a letra que introduziu a centralidade de Cristo na exegese apostólica do Antigo Testamento de uma maneira totalmente nova na história da interpretação”, como Jim expressa tão bem, é devido à graça de Deus “sendo agora revelada pela manifestação de nosso Salvador, Cristo Jesus. Ele tornou inoperante a morte e trouxe à luz a vida e a imortalidade por meio do evangelho” (2Tm 1.10), para não negar o sentido claro da Escritura. Em vez de focar na letra da Lei como os rabinos faziam, os apóstolos focaram no evangelho de Jesus Cristo: sua morte pelos pecados da igreja, seu sepultamento, sua ressurreição corpórea e ascensão, *conforme o sentido claro da Escritura*. Em suma, o véu da incredulidade, não da ignorância histórica e filológica, teve que ser retirado para que o poder radical do Espírito capacitasse uma leitura fiel da Escritura.

---

<sup>6</sup> “O sentido claro”. A descrição de Calvino de sua hermenêutica significa examinar o texto cuidadosa e claramente dentro do contexto amplo de todas as Escrituras.

# SALMOS

## UM COMENTÁRIO HISTÓRICO

Esta colaboração por dois estimados eruditos evangélicos integra uma exposição versículo por versículo de salmos selecionados, com a história da sua interpretação na igreja desde o tempo dos apóstolos até os dias atuais.

Bruce Waltke, conhecido pela sua exegese cuidadosa, prega e ensina o livro de Salmos há mais de 50 anos. Ele, com competência, estabelece o significado do texto Hebraico. James Houston aborda a interpretação histórica da igreja e o uso desses salmos, destacando o profundo significado espiritual desses textos através das eras cristãs.

Waltke e Houston focam seu detalhado comentário em treze salmos que representam diversos gêneros e perspectivas, ou que têm importância especial para a fé cristã e a vida da igreja, incluindo os Salmos 1, 23, 51 e 139.

Enquanto muito da erudição moderna tende a “desespiritualizar” os Salmos, a “hermenêutica sagrada” de Waltke e Houston ouvem atentamente as duas vozes do Espírito Santo — ouvidas de modo infalível na Escritura e com edificação na resposta da igreja. Um magistral comentário histórico devocional, Os Salmos como adoração cristã aprofundará a adoração da igreja e enriquecerá a fé e vida dos cristãos contemporâneos.

**Bruce K. Waltke** é professor de Antigo Testamento no Knox Theological Seminary, em Fort Lauderdale, Flórida e professor emérito de estudos bíblicos pela faculdade Regent College, em Vancouver, Canadá. Ele é autor de inúmeros livros e comentários do Antigo Testamento.

**James M. Houston** é o principal fundador e antigo chanceler da faculdade Regent College, onde foi o primeiro professor de teologia espiritual. Ele é autor de mais de 40 livros.